

# Do objeto de proteção ao signo estético: bricolage e conotação em conjuntura pandêmica

*From protective object to aesthetic sign: bricolage and connotation in a pandemic context*

Sara Inês Rodrigues Gaspar<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6834-7196>

Eduardo José Marcos Camilo<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0719-291X>

Rafaela Norogrande<sup>3</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9813-4944>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i46.1984>

**[resumo]** A pandemia da COVID-19 provocou a emergência de novos dispositivos simbólicos, entre os quais se destaca a máscara cirúrgica enquanto objeto de proteção e consequente signo cultural. Este artigo analisa a transformação da máscara cirúrgica no contexto da moda, a partir de dois eixos principais: a bricolage, enquanto prática de recombinação criativa de materiais, e a conotação, enquanto sistema de produção de significados suplementares. Combinando fundamentação teórica e análise de casos, investigam-se diferentes formas de apropriação da máscara cirúrgica, tanto em contextos improvisados (não planejados) como em contextos profissionais do sistema da moda. O estudo evidencia duas abordagens distintas: (1) uma bricolage realizada fora do sistema da moda, centrada na urgência e na disponibilidade material; (2) uma bricolage planejada, operada por designers e marcas, que reconfigura a máscara como artefato estético e comunicacional. A segunda parte do artigo foca na dimensão conotativa do signo máscara, destacando a sua

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações-Públicas pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Doutoranda em Ciências da Comunicação, do Departamento de Comunicação, Filosofia e Política, da Universidade da Beira Interior, Portugal. [sarainesrg@gmail.com](mailto:sarainesrg@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Comunicação, Filosofia e Política, da Universidade da Beira Interior, Portugal. Investigador na LabCom, Portugal. [eduardocami@gmail.com](mailto:eduardocami@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Design. Professora Auxiliar no Departamento de Artes, da Universidade da Beira Interior, Portugal. CIAUD-UBI, Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Universidade da Beira Interior, Portugal. [rafaela.norogrande@ubi.pt](mailto:rafaela.norogrande@ubi.pt). <http://lattes.cnpq.br/8511467327323125>.

transformação semântica ao ser integrada na moda, tornando-se adereço e veículo simbólico de discursos identitários, ideológicos e estéticos. Por fim, problematiza-se a articulação entre bricolage e conotação, revelando como a máscara deixa de ser apenas um objeto funcional para se tornar um signo complexo, em trânsito entre saúde, estilo, consumo e cultura visual. O estudo contribui para a compreensão dos mecanismos de ressignificação simbólica de objetos do cotidiano em contextos de crise, evidenciando a interseção entre moda, cultura visual e produção de sentido. Ao analisar um artefato banal transformado em signo cultural, propõe-se um enquadramento teórico para pensar a moda enquanto linguagem e prática social em tempos de mudança.

[palavras-chave] **Semiótica. Cultura material. Linguagem visual. Simbologia do vestir. Máscara.**

[abstract] The COVID-19 pandemic generated new symbolic devices, among which the surgical mask stands out as both a protective object and a cultural sign. This article examines the transformation of the surgical mask within the fashion system along two main axes: bricolage, understood as a practice of creative recombination of materials, and connotation, understood as a system for producing supplementary meanings. Combining theoretical grounding with case analysis, the study investigates different forms of appropriation of the surgical mask, both in improvised (unplanned) contexts and in professional fashion contexts. The findings reveal two distinct approaches: (1) a form of bricolage carried out outside the fashion system, centred on urgency and material availability; and (2) a planned form of bricolage performed by designers and brands, which reconfigures the mask as an aesthetic and communicational artefact. The second part of the article focuses on the connotative dimension of the mask as a sign, highlighting its semantic transformation when integrated into fashion, where it becomes an accessory and a symbolic vehicle for identity-based, ideological, and aesthetic discourses. Finally, the article explores the articulation between bricolage and connotation, showing how the mask moves beyond its functional purpose to become a complex sign that operates across health, style, consumption, and visual culture. The study contributes to the understanding of the symbolic re-signification of everyday objects in times of crisis, emphasizing the intersection of fashion, visual culture, and meaning-making. By analyzing a seemingly ordinary artefact that became a cultural sign, the article proposes a theoretical framework for understanding fashion as both a language and a social practice in times of change.

[keywords] **Semiotic. Material culture. Visual language. Dress symbolism. Mask.**

Recebido em: 18-08-2025.

Aprovado em: 18-11-2025.

## Introdução

A pandemia da COVID-19, iniciada no ano de 2019, não apenas alterou as dinâmicas higiênicas e sociais, como também desencadeou um processo acelerado de reinvenção simbólica de objetos cotidianos. A máscara cirúrgica, até então circunscrita a contextos hospitalares ou clínicos, tornou-se uma presença constante no espaço público e um elemento central na comunicação visual de indivíduos e de instituições. Neste cenário, o objeto-máscara cirúrgica ultrapassou a sua função original de barreira antiviral, adquirindo novos sentidos no seio da cultura material e, em particular, do sistema da moda.

A partir dessa transformação, o presente artigo propõe uma análise do percurso estético e simbólico do objeto-máscara, focando-se em dois eixos conceituais fundamentais: a bricolage, enquanto prática criativa de recomposição material e simbólica; e a conotação, enquanto sistema de produção de significados suplementares que reconfiguram o estatuto do objeto-signo. Sustentado numa abordagem qualitativa, de base teórico-conceitual e com recurso a casos práticos, o estudo de fundamento semiótico examina diferentes formas de apropriação do objeto-máscara cirúrgica durante e após o contexto pandêmico, tanto por agentes individuais (em contexto de improviso) como atores do sistema da moda.

Ao longo do artigo, será traçada uma distinção entre bricolage não planejada e bricolage planejada pelo sistema da moda, procurando compreender como a moda integra, estiliza e ressignifica um objeto inicialmente funcional. Posteriormente, será explorada a dimensão conotativa do signo máscara, considerando as implicações ideológicas, estéticas e culturais da sua reinterpretação simbólica. Por fim, discutir-se-á a articulação entre as duas dimensões, mostrando como a máscara se tornou um objeto biforme: simultaneamente instrumento de proteção e signo de distinção.

## A bricolage no sistema da moda

A bricolage representa uma estratégia de organização simbólica dos traços da experiência, “organizando os factos ou os resíduos dos fatos” (Lévi-Strauss, 2008, p. 37). De acordo com Rampazo e Ichikawa (2009), Lévi-Strauss (2008) foi o primeiro autor a introduzir o termo “bricolage” nas ciências sociais, no âmbito da explicação do “pensamento selvagem”. Caracteriza-se por uma orientação intuitiva e empírica do conhecimento, fundamentada num saber que é “guiado pela intuição e pela vontade de conhecer o que está no mundo” (Rampazo; Ichikawa, 2009, p. 1). Na obra *O Pensamento Selvagem*, Lévi-Strauss (2008) descreve a bricolage como uma forma particular de raciocínio, um tipo de “pensamento mágico” que funde elementos diversos na criação de novos objetos culturais.

Nesse sentido, os estudos contemporâneos sobre bricolage na moda adotam uma perspectiva baseada numa etnografia dos materiais e das matérias. Isso envolve a descrição das práticas de improvisação e a identificação dos tipos de materiais.

A bricolage, articula múltiplos modos de fazer, sempre em coerência com os contextos vividos e com os recursos disponíveis. Rampazo e Ichikawa (2009) destacam que se associa às práticas manuais, onde o sujeito opera com materiais e ferramentas díspares, com o intuito de gerar algo novo. “É o mesmo que o handyman vocabulário inglês, que

usa materiais e ferramentas diversas que inicialmente não se relacionam, mas que em suas mãos, de forma intuitiva, quase artística, se transformam ou criam outro objeto” (Rampazo; Ichikawa, 2009, p. 3).

É nesse enquadramento que se propõe a análise da bricolage no sistema da linguagem da moda a partir de processos criativos e operatórios que reorganizam signos e materiais já existentes, de forma a gerar novas estéticas e funções. O objeto-máscara, durante a pandemia, exemplifica perfeitamente esse movimento.

Lévi-Strauss (2008) distingue dois modos de conhecimento científico: o do *bricoleur* e o do engenheiro. Enquanto o engenheiro projeta conceitos de forma sistemática, com base em princípios técnicos e inovadores, o *bricoleur* atua de modo adaptativo, reaproveitando materiais e significados já disponíveis no mundo social. Para o autor, o *bricoleur* dedica-se a recolher objetos, elementos e mensagens “de alguma forma pré-transmitidas e que ele colecciona (...) [o engenheiro] antecipa sempre a outra mensagem que poderia ser arrancada a um interlocutor” (Lévi-Strauss, 2008, p. 35).

No contexto da moda, em situação pandêmica, essa distinção oferece uma chave interpretativa para compreender os diversos modos de atuação dos designers. De facto, pode-se considerar que o designer transita entre ambos os regimes: por um lado, mobiliza uma lógica engenheira, ao projetar soluções técnicas, funcionais e esteticamente planejadas; por outro, adota também uma postura *bricoleur*, ao recombinar materiais acessíveis, referências visuais e significados sociais já existentes. Assim, o designer, no contexto da pandemia, não se restringe a uma prática sistemática ou improvisada, mas incorpora ambos os modos de criação, conforme as exigências da conjuntura, os recursos disponíveis e os discursos que pretende articular.

Ambos os modelos de pensamento partilham uma base epistêmica comum: a atenção e a sensibilidade à construção de significados e soluções, guiados por necessidades reais. Ora, justamente no contexto da pandemia da COVID-19, designers – operando ora como *bricoleurs*, ora como engenheiros – convergiram no mesmo fim pragmático: a proteção individual e coletiva. Máscaras improvisadas por cidadãos comuns, usando materiais reaproveitados, e máscaras produzidas por indústrias – com diferentes graus de sofisticação tecnológica ou visibilidade comercial – representaram respostas distintas a um mesmo problema, nas quais o designer assume um papel mediador e criativo.

### *A bricolage da máscara cirúrgica entre improviso e criatividade prática*

Entende-se o objeto-máscara cirúrgica como a máscara de pandemia ou variantes próximas, originalmente concebida para fins de proteção contra vírus e de uso clínico. A referência a contextos informais diz respeito a situações em que as máscaras foram apropriadas e modificadas por indivíduos ou grupos fora dos circuitos formais da moda, operando sobretudo em registros domésticos, artesanais ou informais. É neste enquadramento que emergem práticas de bricolage, motivadas pela urgência e pela escassez de recursos.

Alguns objetos são dotados de uma nova identidade; ainda assim, mantêm traços evidentes da sua origem, como se observa, por exemplo, na criação de máscaras a partir

de garrações de plástico<sup>4</sup>. Essa criação corresponde a uma obra do artista Max Siedentopf, integrada no projeto “How-To Survive A Deadly Global Virus” [Como sobreviver a um vírus global mortal], no qual se propõe uma diversidade de objetos, ou fragmentos deles, como alternativas improváveis às máscaras cirúrgicas. A proposta criativa ilustra exemplarmente os princípios da bricolage, ao apresentar soluções irônicas e simbólicas para um problema real e urgente, numa época marcada pela escassez de meios de proteção. “Uma vez que a interpretação está imbricada na dinâmica social e histórica que moldou o artefato cultural sob análise, a bricolage reconhece a inseparabilidade entre objeto de pesquisa e contexto” (Neira & Lippi, 2012, p. 610).

Conforme Lévi-Strauss (2008), a fusão de elementos distintos permite a recriação de um objeto cultural renovado, dotado de nova funcionalidade simbólica, ainda que sustentado por fragmentos de significados anteriores. Neste sentido, durante a pandemia da COVID-19, tornou-se visível um fenômeno de bricolage aplicado à máscara de proteção: observou-se um duplo movimento de reforço e de complementaridade do seu significado funcional. Por um lado, assistiu-se ao reforço da função original da máscara – proteção –, muitas vezes acompanhada de adaptações estéticas que não comprometeram a sua eficácia. Por outro, emergiram usos complementares, em que novas camadas de sentido – associadas à identidade pessoal, ao estilo, à criatividade ou ao posicionamento social – foram sobrepostas à função primária do objeto. Esse processo reflete uma forma de antropologia prática, evidenciada nas soluções improvisadas, adotadas em contextos de crise na saúde individual e coletiva. A capacidade de improvisar soluções com os recursos disponíveis, frequentemente de forma imediata e não planejada, tornou-se um marcador da invenção cotidiana face à pandemia. A título de exemplo, é documentada uma situação em que, na ausência de máscaras, uma folha de couve<sup>5</sup> foi utilizada como meio improvisado de proteção das vias respiratórias. Esse gesto, ainda que insólito, ilustra de forma clara a lógica da bricolage: apropriação de materiais cotidianos, recontextualização funcional e a adaptação simbólica a um novo desafio emergente. Nesse caso, é possível observar um exemplo paradigmático de improvisação, que reflete a espontaneidade inerente ao conceito de bricolage – o improviso em nome da proteção. Neste contexto, os materiais e os processos originais associados ao objeto-máscara cirúrgica foram substituídos por alternativas acessíveis, tendo sido empregados e adaptados de forma criativa, em resposta à ausência do objeto convencional de proteção. A utilização de uma folha de couve como meio de cobertura das vias respiratórias constitui um exemplo extremo e inusitado de bricolage intuitiva. Tal objeto, claramente não concebido para fins de proteção viral, foi refuncionalizado de modo improvisado, sem qualquer embasamento científico ou planejamento projetual-prévio orientado para esse propósito, mas com a intenção explícita de suprir, ainda que precariamente, a função de uma máscara cirúrgica. Este caso evidencia a capacidade adaptativa do ser humano em momentos de crise, em que objetos do cotidiano são reconvertidos e ressignificados para dar resposta a necessidades emergentes.

<sup>4</sup> Cf. How to survive a deadly global virus. Disponível em: <https://maxsiedentopf.com/wp-content/uploads/2020/02/How-To-Survive-A-Deadly-Global-Virus5-265x352.jpg>. Acesso em: 10 jul. 2025.

<sup>5</sup> Cf. Homem dá entrevista à cmtv a usar uma folha de couve como máscara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ypYgDeES7w>, imagem visível aos 00:00:05. Acesso em: 10 jul. 2025.

Outro exemplo dessa lógica de apropriação e ressignificação pode ser observado na Figura 1, onde se documenta a utilização de sacos plásticos colocados sobre a cabeça.

FIGURA 1 – UTILIZAÇÃO DE SACO PLÁSTICO PARA COBRIR TODA A ZONA DA CABEÇA PARA PROTEÇÃO DAS VIAS AÉREAS (2021)



FONTE: @subwaycreatures *In*: Instagram. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CLZclKFhXsC/?img\\_index=6&igsh=MTN4eGE2OG90YnU4eA%3D%3D](https://www.instagram.com/p/CLZclKFhXsC/?img_index=6&igsh=MTN4eGE2OG90YnU4eA%3D%3D) (imagem n.º 6). Acesso em: 10 jul. 2025.

A imagem em questão, registrada no interior do metrô de Nova Iorque, constitui um exemplo altamente perigoso: a utilização de um saco de plástico como proteção respiratória, de forma possivelmente instintiva. Neste contexto, o objeto é reconfigurado em função de sua significação simbólica e utilitária, aproximando-se da lógica da máscara cirúrgica. Embora seja um material claramente inadequado e de risco elevado para quem o utiliza, a sua adoção revela a tentativa de assegurar uma proteção mínima. Este gesto constitui, portanto, uma reafirmação adaptada da função original da máscara, ajustada às circunstâncias e aos recursos disponíveis. Com outros casos documentados durante o período pandêmico, ilustra a bricolage como um processo de resolução prática, pautado pela criatividade, onde há emergência respostas rápidas, muitas vezes não técnicas, que surgem da urgência e da intuição, em vez de seguirem critérios científicos ou planejamentos formais.

De modo similar, outro exemplo demonstra como materiais disponíveis podem ser reaproveitados para criar um novo artefato, neste caso, uma versão funcional da máscara de proteção. Trata-se da reestruturação de objetos originalmente destinados a outros usos, como uma embalagem de lenços umedecidos<sup>6</sup>, transformando-os em dispositivos improvisados de proteção respiratória. Esse artefato foi, contudo, reaproveitado com vista à construção de uma nova significação funcional. A adaptação da embalagem à máscara implicou um processo de desconstrução e de inversão técnica, transformando o objeto original num dispositivo alternativo de proteção das vias respiratórias. Trata-se de um caso de bricolage pois é caracterizada pela reutilização criativa do objeto, que mobiliza recursos disponíveis para uma solução rápida e funcional, gerando uma refuncionalização e ressignificação na qual o objeto, ao ser desviado de sua função inicial, passa a substituir a máscara cirúrgica convencional.

O fenômeno da bricolage, observado durante a pandemia da COVID-19, emergiu como resposta à escassez de equipamentos de proteção individual, levando muitos indivíduos a recorrer ao improviso e à reutilização de diversos materiais disponíveis. A criatividade aplicada à reaplicação de objetos e tecidos pré-existentis resultou na produção de novos artefatos dotados de identidade própria. O conceito de bricolage revela, assim, uma atividade que pode resultar da convergência (ou não) de diferentes elementos culturais, dando origem a algo novo.

### *A bricolage e a reconfiguração da máscara cirúrgica no sistema da moda*

Neste subcapítulo, considera-se a prática de apropriação e reformulação do objeto-máscara cirúrgica no interior do sistema da moda, através de processos técnicos, estéticos e comunicacionais mediados por designers, marcas e instituições. Ao contrário dos contextos informais, aqui a bricolage opera com intencionalidade estratégica, a partir de recursos especializados, incorporando a máscara numa lógica de design, coleção e circulação simbólica. É neste enquadramento que se analisa a reconfiguração do objeto-máscara cirúrgica como artefato de moda.

<sup>6</sup> Cf. Máscara com embalagem de lenços umedecidos. Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/12314598970505448/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

A bricolage permite a articulação criativa de elementos oriundos de diferentes paradigmas para gerar um novo sintagma ressignificado. No contexto pandêmico, o objeto-máscara foi submetido a operações técnicas que o transformaram em adereço de moda. Essa máscara “torna-se uma camada de mediação semiótica”<sup>7</sup> (Tateo, 2021, p. 135), multiplicando os seus sentidos consoante o contexto.

Em contraste com a bricolage realizada fora do circuito formal da moda – caracterizada pela improvisação individual e pela resposta imediata a necessidades urgentes – a bricolage dentro do sistema da moda segue estratégias planejadas de criação, comunicação e circulação. Nesse contexto, a apropriação do objeto-máscara cirúrgica é conduzida por designers e marcas, incorporando-o de forma intencional em coleções, desfiles e campanhas, com ritmo e objetivos definidos. Essa abordagem não se limita à reutilização do objeto; antes, promove sua reestruturação estética, simbólica e comercial, alinhando-o aos códigos e práticas do mercado de moda.

Por meio do sistema da moda, a máscara é apropriada como um objeto-signo reconfigurado. Como já observava Baudrillard (1985), os objetos não existem mais como entidades isoladas, mas como elementos de código. A moda, enquanto instituição social, ao alternar os papéis de *bricoleur* e de engenheiro, transforma o objeto-máscara cirúrgica segundo seus próprios objetivos estéticos, discursivos e comerciais. Esse tipo de bricolage sistematizada atua sobre o significante e sobre o significado, produzindo novos efeitos de sentido e reinscrevendo a máscara dentro do sistema da moda.

Em contraponto, a bricolage não planejada apropria-se de materiais variados com o propósito de improvisar uma proteção funcional. Nesse caso, o foco não é reconfigurar o objeto-máscara em si, mas reproduzir seus traços visuais e utilitários com os recursos disponíveis, em contextos informais e de caráter improvisado. Em ambos os casos, o sistema da moda age segundo uma lógica de recombinação de elementos já existentes, “não são materiais brutos, mas produtos já elaborados” (Lévi-Strauss, 2008, p. 52). Esse processo de reconfiguração permite a refuncionalização do objeto, inserindo-o em um novo campo de significação.

Dando como exemplo da bricolage funcional, a marca Springkode fez uso de tecidos reaproveitados e produziu máscaras reutilizáveis com certificação, alinhando-se com princípios de sustentabilidade e responsabilidade social. A intervenção é planejada e estratégica, conjugando eficácia técnica e valor estético, o que caracteriza uma bricolage planejada.

De forma semelhante, o designer Gio Rodrigues produziu máscaras<sup>8</sup> durante a pandemia com certificação do CITEVE<sup>9</sup>. A sua proposta alia proteção, reutilização e identidade estética, reforçando a ideia de que a bricolage pode ser consciente, metódica e alinhada com exigências e requisitos formais do setor.

<sup>7</sup> Tradução nossa para: “becomes a layer of semiotic mediation”

<sup>8</sup> Cf. LIFESTYLE ao minuto. Máscaras Gio Rodrigues chegam às farmácias. Para ela e para ele. Disponível em <https://www.noticiasao minuto.com/lifestyle/1516569/mascaras-gio-rodrigues-chegam-as-farmacias-para-ela-e-para-ele>. Acesso em 10 jul. 2025.

<sup>9</sup> É o Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal.

Em contraste, a bricolage simbólica pode ser observada nas máscaras desenvolvidas por Marine Serre<sup>10</sup> e Collina Strada<sup>11</sup> – máscara ilustrada na Figura 2 – são exemplares da bricolage planejada pelo sistema da moda.

FIGURA 2 – MÁSCARA PRODUZIDA A PARTIR DE EXCEDENTES DE TECIDO (2020).



FONTE: Garmentory. Disponível em: <https://www.garmentory.com/sale/collina-strada/women-accessories/909804-fashion-face-mask-with-bows?epik=dj0yJnU9b0RTby1XMUpCNG41bVA3eWc3N2xINDhxc0x4d3RtX0YmcD0wJm49NU5DRU9iU1UxVHZPUWJBc1EwOFhiUSZ0PUFBQUFBR2ZPT1lJ> Acesso em: 10 jul. 2025.

Partindo da função protetora, estas marcas – provenientes do contexto ocidental, especificamente dos Estados Unidos da América – desconstroem-na em favor de uma linguagem estética distópica ou fantasiosa. A função protetora passa para segundo plano, dando lugar à valorização visual e simbólica.

<sup>10</sup> Cf. MARINE Serre. Amor Fati. Disponível em: <https://www.marineserre.com/en-pt/show/amor-fati> (LOOK 31). Acesso em: 10 jul. 2025.

<sup>11</sup> Cf. GARMENTORY. Collina Strada: Fashion face mask with bows. Disponível em: <https://www.garmentory.com/sale/collina-strada/women-accessories/909804-fashion-face-mask-with-bows?epik=dj0yJnU9b0RTby1XMUpCNG41bVA3eWc3N2xINDhxc0x4d3RtX0YmcD0wJm49NU5DRU9iU1UxVHZPUWJBc1EwOFhiUSZ0PUFBQUFBR2ZPT1lJ>. Acesso em: 10 jul. 2025.

De forma semelhante, a bricolage simbólica é levada ao extremo pelo *designer* Ronald van der Kemp, que desenvolveu máscaras<sup>12</sup>, conforme o blog *ASVOF*<sup>13</sup> (Pernet, 2020), a partir de tecidos reaproveitados e excedentes de coleções anteriores, tendo sido intitulada “Army of Love”. A apresentação ocorreu de maneira performativa, nas janelas de um hotel vazio situado no centro histórico de Amsterdã<sup>14</sup>, onde os modelos abanavam bandeiras brancas, representando rendição e esperança por um futuro mais consciente e sustentável. Cada modelo usava uma máscara de alta-costura fabricada a partir de materiais reciclados, evidenciando a coerência entre a estética e o compromisso ético. Posteriormente, as máscaras foram leiloadas pela Christie’s<sup>15</sup> e com os valores angariados foi possível doar ajuda financeira à Refugee Company, organização voltada para o apoio e integração de pessoas refugiadas. Dessa forma, o objeto-máscara transforma-se numa peça conceitual, portadora de um discurso tanto estético quanto ético, exemplificando uma bricolage cuidadosamente planejada e orientada por valores simbólicos.

Calefato (2021) observa que, nesse processo, a máscara deixa de ser um utensílio e passa a integrar o “corpo vestido”, tornando-se um agente de comunicação visual e simbólica. A bricolage, nesse contexto, não é apenas uma resposta à escassez ou à funcionalidade, mas uma estratégia criativa que ressignifica um objeto ordinário – como o objeto-máscara cirúrgica – em objeto extraordinário (Tateo e Marsico, 2019).

Portanto, a análise evidencia que a bricolage foi uma ferramenta fundamental mobilizada pelo sistema da moda para operar ressignificações em tempos de crise. Ao apropriar-se do objeto-máscara cirúrgica, a moda respondeu a uma necessidade funcional imposta pela pandemia, como também ativou processos criativos que redirecionaram o seu sentido, tornando-o um signo estético, simbólico e identitário. A bricolage – enquanto prática de recombinação de elementos disponíveis – revelou-se uma operação na capacidade da moda de absorver e traduzir contextos sociais complexos. Assim, o sistema da moda atuou como um agente de mediação cultural, capaz de transformar um objeto técnico em expressão criativa, determinada pela marca. Capaz de imaginar e reinventar, respondendo a crises com inovação simbólica. A máscara, transformada por meio dessas estratégias, ilustra exemplarmente como a bricolage constitui uma lógica estruturante e potente dentro do universo da moda contemporânea. As estratégias de bricolage analisadas, funcionais e simbólicas, evidenciam essa capacidade de reconversão.

<sup>12</sup> Cf. CHRISTIE’S. Couture for Change: Ronald van der Kemp (RVDK) Couture Face masks in Aid of Refugee Company. Disponível em: <https://onlineonly.christies.com/s/couture-change-ronald-van-der-kemp-rvdk-couture-face-masks-aid-refugee/lots/1896>. Acesso em: 10 jul. 2025.

<sup>13</sup> A *Shaded View on Fashion (ASVOF)* é um blog criado em 2005 por Diane Pernet, com influência significativa e reconhecido como pioneiro no jornalismo de moda digital e pela promoção do gênero *fashion film*.

<sup>14</sup> Cf. RVDK’S ARMY OF LOVE – a creative performance with hope for the future and to fight for a more conscious fashion world. Disponível em: <https://ashadedviewonfashion.com/2020/05/05/rvdk-s-army-of-love-performance-to-celebrate-the-end-of-lock-down-in-holland/>. Acesso em 10: 10 jul.2025.

<sup>15</sup> Fundada em 1766, é uma casa de leilões das mais prestigiadas do mundo, no que respeita ao comércio de obras de arte.

## Conotação no sistema da moda

### *Conotação do signo máscara cirúrgica apropriado pelo sistema da moda*

Durante a pandemia da COVID-19, o uso massivo de máscaras faciais foi rapidamente apropriado pelo sistema da moda, transformando o seu sentido primeiro, funcional e objetivo, num signo carregado de valores estéticos, ideológicos e culturais. Esse processo de transformação é explicado através do conceito de conotação, tal como definido no âmbito da semiótica por autores como Ferdinand de Saussure, Roland Barthes, Louis Hjelmslev e Umberto Eco.

Segundo Saussure (1986), o signo é constituído por um significante e um significado, sendo esta relação a base da produção de sentido linguístico. A distinção entre denotação e conotação, no entanto, é introduzida por Louis Hjelmslev e posteriormente desenvolvida por Roland Barthes. A denotação refere-se ao sentido literal e funcional do signo – no caso da máscara, a sua função médica de proteção contra agentes patogénicos. O segundo sistema, conforme Barthes (2006) atua sobre os signos já estabelecidos, atribuindo-lhes novos significados simbólicos e ideológicos, construídos social e culturalmente. A máscara, inicialmente signo funcional (EPI, que significa equipamento de proteção individual), converteu-se num adereço estilizado, passando a integrar o universo estético da moda. Essa dinâmica de produção de novos sentidos pode ser compreendida à luz da conotação, tal como reformulada por Barthes (2001) no contexto da pansemiotização – o alargamento da análise semiótica a objetos e a imagens não linguísticos.

Enquanto sistema autónomo de produção simbólica, a moda opera uma ressignificação dos objetos através da estilização e incorporação nos seus códigos (Barthes, 2014). A máscara passou a ser reconfigurada com diferentes materiais, cores e logotipos, abandonando o registro da utilidade protetora para se tornar um veículo de identidade e de expressão. Tal fenómeno ilustra o conceito de bricolage, anteriormente desenvolvido, mas aqui superado pela dimensão da conotação – um plano organizado e intencional de produção de sentido.

Claro (2020) argumenta que a conotação atua como uma remodelação da rede de significação primária, dando origem a um tropo linguístico, ou seja, a um desvio estilístico. Esse desvio, estético e semiótico, permite a emergência de novos sentidos, não evidentes à partida, mas culturalmente possíveis. Como refere Barthes (1999), a conotação introduz uma “contra-comunicação” voluntária que rompe a linearidade do discurso e multiplica os possíveis sentidos.

Eco (1990) reforça a ideia de que a conotação estabelece uma cadeia de reenvios culturais. Uma unidade material, como a máscara, pode remeter a imagens, a emoções e a símbolos diversos. Assim, o objeto-máscara cirúrgica, ao ser apropriado pelo sistema da moda, deixou de remeter apenas ao medo e a proteção. Passou suplementarmente a representar responsabilidade social, mas também estatuto, protesto, pertença ou obediência, consoante o grupo social que a utiliza ou a interpreta.

Dubois et al. (2014) sublinham que a conotação é particular a um grupo ou a um indivíduo, sendo indissociável do seu contexto cultural. Esta polissemia só é compreensível, segundo Barthes (1987), mediante a partilha simbólica entre emissor e receptor, em que ambos reconhecem os valores latentes. Peirce (1978), por sua vez, define o símbolo como signo que se forma culturalmente ao longo do tempo. A máscara, ao ser convertida em símbolo de moda, segue essa lógica de evolução simbólica dentro de um determinado campo social.

A resignificação da máscara evidencia a forma como o plano da expressão (significante) é reestruturado. Hjelmslev (1975) descreve a conotação como um sistema semiótico de segundo grau, onde os signos do plano denotativo se tornam significantes de novos significados. O processo transforma a função-signo inicial num conjunto de conotações associadas ao estilo, ao estatuto e à pertença.

Barthes (2006) aponta que os conotadores são signos “naturalizados” pela mensagem denotada que os transporta. No caso da moda, a naturalização é realizada pelo aparato visual e estilístico que reconstrói o objeto-máscara cirúrgica num novo código: tecidos luxuosos, marcas de prestígio, e contextos de uso alternativos tornam a máscara um marcador de diferenciação. Como observa Calefato (2021), a estilização do objeto-máscara cirúrgica introduz um processo de “dessanitização” do espaço público, onde o objeto já não representa apenas proteção, mas também fantasia, distinção e performance.

A moda, ao operar sobre a máscara, apropria-se de “significantes estilísticos” (Barthes, 1997) como materiais para a produção de novos sentidos. Elementos como a cor, a textura ou o material, que na denotação remetem para atributos funcionais, tornam-se, no plano conotativo, veículos de significados simbólicos, estéticos ou ideológicos. Assim, elementos como os elásticos coloridos, a presença de logotipos ou o corte do tecido – inicialmente associados a funções secundárias ou decorativas – adquirem estatuto de signos expressivos no plano conotativo (Barthes, 2006).

Este desvio do plano funcional origina o que Claro (2020) denomina como “relocalização do valor de significação”. A intenção estética transforma o uso normativo da máscara em expressão simbólica, ativando uma semiose contínua, onde tanto o criador como o receptor atribuem novos significados conforme as suas experiências culturais e contextuais. A máscara torna-se, assim, um signo-símbolo de grande flexibilidade interpretativa.

A relação entre símbolo (em Peirce) e conotação (em Barthes) pode ser aproximada apenas num sentido ampliado: ambos tratam de formas de significação que ultrapassam o nível imediato do objeto. Enquanto a conotação descreve um segundo sistema semiótico que recodifica o signo de base (Hjelmslev, 1975; Barthes, 2001), o símbolo peirceano depende da aquisição de hábitos interpretativos compartilhados socialmente. Assim, no contexto da moda, a máscara estilizada pode ser compreendida como símbolo peirceano – por depender de convenções coletivas – ao mesmo tempo que opera conotativamente, produzindo valores culturais extras. As duas abordagens não se sobrepõem, mas iluminam dimensões distintas do mesmo fenômeno: a semiótica peirceana evidencia o processo interpretativo, enquanto a semiologia barthesiana evidencia a carga ideológica e cultural inscrita nos objetos.

O caso da máscara durante a pandemia da COVID-19 constitui um exemplo paradigmático de como a conotação atua como mecanismo de resignificação cultural. A transição da máscara cirúrgica de objeto funcional para adereço de moda evidencia como o sistema da

moda é capaz de operar sobre os signos pré-existentes, reconstruindo os seus significados através de uma linguagem própria.

Através das contribuições teóricas de Barthes, Hjelmslev, Eco, Peirce, Saussure e Dubois, compreende-se que a conotação não é apenas uma camada adicional de sentido, mas uma estratégia ideológica, estética e cultural que reestrutura a significação. A máscara estilizada ilustra a capacidade de um signo assumir múltiplas funções e sentidos, demonstrando que os objetos da vida cotidiana, quando inseridos em sistemas de significação como o da moda, tornam-se veículos expressivos da cultura contemporânea.

#### *Casos de conotação do signo-máscara cirúrgica apropriado pelo sistema da moda*

A emergência da pandemia da COVID-19 provocou uma reconfiguração sem precedentes das dinâmicas sociais, políticas e culturais, impondo a utilização da máscara cirúrgica como instrumento de proteção higiênica. No entanto, para além da sua funcionalidade médica, este objeto foi progressivamente apropriado pelo sistema da moda e ressignificado enquanto signo cultural, artístico e ideológico. A máscara, inicialmente carregada de significação denotativa associada à prevenção da contaminação viral, transforma-se, no contexto pandêmico e pós-pandêmico, num artefato semiótico multifacetado, cuja conotação é premiada por códigos estéticos, simbólicos e discursivos que ultrapassam a sua função original. Este processo de reconfiguração semiótica, amplamente analisado pela semiótica de Roland Barthes, revela como o signo visual se torna suporte de mitos modernos, enquanto veículo de ideologias, de sensibilidades e de narrativas coletivas.

A apropriação da máscara cirúrgica pelo sistema da moda implicou a sua transmutação simbólica. De objeto utilitário passou a superfície de inscrição estética, política e performativa. Diferentes atores, em resposta à crise global, recorreram à máscara como elemento para articular posicionamentos sociais, expressões artísticas e críticas sistêmicas. Essa ressignificação pode ser lida à luz da conotação, entendida como o segundo nível da significação barthesiana, no qual os significados culturais, ideológicos e emocionais se sobrepõem à função literal do signo. A máscara torna-se, assim, um signo polissêmico, um lugar de disputa de sentidos, inserido nas lógicas próprias da indústria da moda, mas também nas tensões sociais da conjuntura pandêmica.

Neste contexto de ressignificação simbólica e estética, destaca-se o trabalho de *designers* que exploram a máscara como meio expressivo e afetivo. É o caso das produções de Yacine Aouadi, onde o criador recorre conscientemente à poética do símbolo e à linguagem da alta-costura para transformar as máscaras em objetos de comunicação emocional. No seu projeto, publicado e difundido principalmente via *Instagram* – meio privilegiado do discurso visual na contemporaneidade –, as máscaras assumem valores espirituais e simbólicos claros: união, esperança e humanidade. A máscara escura (Nó Radiante)<sup>16</sup>, branca (Pomba Branca)<sup>17</sup> e a avermelhada (Coração Ardente)<sup>18</sup> compõem uma

<sup>16</sup> Cf. disponível em [https://www.instagram.com/p/CLuJZpEC\\_VA/](https://www.instagram.com/p/CLuJZpEC_VA/) (acesso em: 10 jul. 2025)

<sup>17</sup> Cf. disponível em <https://www.instagram.com/p/CLuIQnMiyZF/> (acesso em: 10 jul. 2025)

<sup>18</sup> Cf. disponível em <https://www.instagram.com/p/CLuH09Hi8Gh/> (acesso em: 10 jul. 2025)

trilogia semântica que transcende a função da máscara como barreira física. A linguagem simbólica destas máscaras é articulada por meio de metáforas visuais e metonímias materiais. O “Nó”, por exemplo, é uma metonímia de tensão social e afetiva vivida durante a pandemia, enquanto o adjetivo “radiante” introduz a metáfora da superação e da luz ao fundo do túnel. A “Pomba Branca” é uma metáfora clássica de paz, aqui transposta literalmente na construção material da máscara, em que rendas e penas tornam-se significantes poéticos. A máscara “Coração Ardente”, por sua vez, opera como uma metáfora da empatia, da paixão e da resistência coletiva – uma homenagem aos profissionais da saúde. As cores vermelho e amarelo, nesse caso, convertem-se em símbolos emocionais: o vermelho comunica o amor e a luta, o amarelo, a esperança e o renascimento. Essas máscaras, integradas no universo da *Haute Couture*, não apontam mais para a proteção física, mas a expressão simbólica. A funcionalidade é deslocada para a esfera do sensível, onde os materiais nobres, os acabamentos detalhados e os signos poéticos constroem uma linguagem visual que se comunica diretamente e por abordagem emocional sobre a moda com um público inserido em ecossistemas digitais. Como observa Lipovetsky (2010), a moda contemporânea ultrapassa a dimensão corporal, estendendo-se ao campo simbólico e do imaginário. É neste espaço que a máscara assume funções como expressão de resistência, esperança e/ou de beleza.

Após a análise de máscaras simbólicas e que representam a união e a esperança, é agora pertinente olhar para uma peça que explora uma abordagem mais ousada e provocadora. Uma criação de Lance Victor Moore, visível na ilustração seguinte (Figura 3), que utiliza materiais como cristais *Swarovski* e espinhos (ou acúleos) de porco-espinho para transmitir uma mensagem de autoproteção e de distanciamento.

FIGURA 3 – MÁSCARA “RED QUILLS” FABRICADA COM CRISTAIS SWAROVSKI, COM ACÚLEOS DE PORCO-ESPINHO (2020).



FONTE: @ lance.v.moore In: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-P52pKheqs/>  
Acesso em: 10 jul. 2025.

A peça produzida por Lance Victor Moore, designer norte-americano com atuação artista nos Estados Unidos da América, é intitulada de “Red Quills” [espinhos vermelhos]

e é uma obra que mistura materiais naturais e luxuosos, como acúleos de porco-espinho e cristais *Swarovski*. O *design* da máscara explora uma estética que remete para uma defesa intensa, transmitindo uma mensagem de proteção. A utilização de espinhos naturais, que são características predominantes, confere à máscara uma sensação de ameaça e rejeição. O item é um verdadeiro sinal de alerta: “mantenha-se à distância, se se aproximar poderá ser ferido”, simbolizando o desejo de preservação e de distanciamento.

Em termos de análise semiótica, a máscara é um signo composto, onde o significante é organizado pelas formas pontiagudas, pelos materiais (os acúleos de porco-espinho e os cristais *Swarovski*) e pelas cores dominantes (o prateado reluzente, o vermelho intenso e o preto). Enquanto o significado recai sobre a defesa ativa, a proteção e a resistência. O vermelho conota para o alerta e intensifica a sensação de perigo; o preto invoca a contenção e o mistério; por sua vez, o prateado conota a sofisticação, o luxo e a frieza emocional, distanciando o “eu” do “outro”. Portanto, a conotação visual da máscara inscreve-se numa mitologia de barreira simbólica: os espinhos remetem para a defesa animal instintiva, enquanto os cristais impõem uma camada de elegância ameaçadora, numa fusão entre beleza e perigo. A escolha dos materiais orgânicos, como os acúleos de porco-espinho, reforça a ideia de uma defesa naturalizada, primitiva e instintiva – um corpo que se arma contra o mundo exterior.

Entre os tropos de linguagem que emergem na construção simbólica da máscara, destaca-se a metáfora que transforma o rosto em superfície de ataque e de proteção. O rosto é substituído por um campo de ameaça e contenção, indicando que a aproximação pode provocar dor. A metáfora manifesta-se numa equivalência simbólica onde o rosto é uma zona de ataque ou de defesa. Também a metonímia é visível ao associar diretamente os espinhos ao ato de repelir o outro, como uma proteção agressiva. Ou seja, não representa o gesto de defesa, mas apresenta-se como o próprio elemento que o provoca, numa representação de repelir quem se aproxime; a metonímia reforça a ideia de autopreservação num plano imediato, físico e instintivo. O exagero da configuração da máscara é evidente, tanto pela densidade e disposição dos espinhos, que cobrem em excesso a superfície facial, como pela inclusão dos luxuosos cristais *Swarovski*, que amplificam visualmente o objeto. O uso excessivo e intencional dos materiais traduz-se numa hipérbole estética, que acentua o caráter dramático e autoritário da peça, intensificando a comunicação do seu propósito: proteger a qualquer custo, mesmo que com violência simbólica. Por outro lado, observa-se, ainda, a figura de estilo a personificação, porque a máscara adquire um estatuto ameaçador e atento. Os espinhos projetando-se como agulhas sensoriais, evocam a ideia de um organismo que reage ao ambiente, pronto para se defender, como se tivesse vontade e pulsação própria. Essa personificação transforma o objeto inanimado numa entidade simbólica, com presença e energia, o que contribui para o impacto emocional e visual que provoca em quem o observa.

A máscara “Red Quills” ultrapassa os limites do objeto de proteção para se afirmar como uma potente alegoria visual dos tempos contemporâneos. Através da estética marcada pelo luxo e pela agressividade, a peça revela uma profunda conotação ideológica: o exagero da autoproteção, do isolamento e da defesa individual num contexto social de incerteza e ameaça. A máscara assume-se como um símbolo de um novo tipo de relação social, marcada pelo distanciamento, pela vigilância e pela performance da individualidade. Torna-se, ao mesmo tempo, uma barreira e uma armadura como um ornamento de advertência. A peça traduz, assim, uma conceitualização distópica da sociedade, onde o rosto é substituído por

uma superfície ameaçadora e, ao mesmo tempo, espetacular. A linguagem visual da máscara incorpora o medo como estética e transforma as relações sociais numa cena de tensão. A máscara de Lance Victor Moore é, portanto, um signo visual que comunica a ameaça e a presença silenciosa do medo.

Similarmente, a criação de Miss G Designs<sup>19</sup> (retirada de um vídeo), por exemplo, revela como o objeto-máscara cirúrgica é estetizado segundo uma lógica de distopia e de resistência, como ilustra a seguinte Figura 4.

FIGURA 4 – MÁSCARA “PARA O APOCALIPSE?!?” (2020).



FONTE: @missgdesigns In: Instagram.

Disponível em: <https://www.instagram.com/missgdesigns/> Acesso em: 10 jul. 2025

A peça em questão, produzida nos Estados Unidos da América, apresenta uma estrutura visual inspirada em códigos pós-apocalípticos, recorrendo a materiais metálicos, detalhes agressivos e a uma estética que remete para o colapso social e ambiental. Esta máscara é muito

<sup>19</sup> Cf. disponível em [https://www.instagram.com/p/B\\_gFTSzt6i/](https://www.instagram.com/p/B_gFTSzt6i/) (acesso em: 10 jul. 2025)

mais do que um acessório: é um enunciado visual que encena uma estética do caos, simbolizando o medo, o isolamento e a urgência de sobrevivência num mundo hostil. As referências visuais a figuras do imaginário pós-apocalíptico fundem-se com uma linguagem visual de proteção e de agressividade. A peça assume-se como uma barreira contra as ameaças simbólicas e reais da contemporaneidade – sejam elas a desumanização, o colapso ecológico ou a desestruturação do tecido social. Sob esse prisma, a máscara de Miss G Designs evidencia uma conotação ideológica marcada por uma estética de resistência. Ela invoca uma retórica visual que reforça a necessidade de blindagem física e psicológica num contexto de emergência global. A sua linguagem formal – pesada, metálica, fechada – comunica desconfiança, autopreservação e confrontação. No entanto, essa armadura estética, embora remeta para o distanciamento e a alienação, é também uma afirmação de identidade e de sobrevivência. Nesse sentido, a peça configura-se como um signo que incorpora e encena o trauma coletivo, transformando-o em linguagem visual. A estética agressiva e, aqui, simultaneamente proteção e denúncia, barreira e manifestação. A peça, neste enquadramento, ressignifica o corpo enquanto território vulnerável, mas também enquanto espaço de enunciação estética.

Por outro lado, a máscara da coleção *Butterfly People*, criada por Raul Mishra, apresenta uma abordagem radicalmente distinta, tanto na sua composição formal como na sua carga simbólica. Longe da estética do colapso, a peça em questão adota uma linguagem visual poética, fluida e profundamente simbólica. Trata-se de uma máscara em tecido leve, bordada manualmente com fios metálicos e sedas coloridas, revelando um elevado nível de detalhe e de sofisticação; ilustração que pode ser observada na Figura 5.

FIGURA 5 – MÁSCARA PERTENCENTE À COLEÇÃO BUTTERFLY PEOPLE, FALL COUTURE WEEK FALL 2020, ASIAN COUTURE, DE RAHUL MISHRA.



FONTE: @ rahulmishra\_7 In: Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCWgn2yBMnv/>  
Acesso em: 10 jul. 2025

A criação foi produzida no atelier de Rahul Mishra em Nova Deli, na Índia, num contexto social e económico particularmente frágil, marcado pela precarização laboral, pela vulnerabilidade pandêmica. Este enquadramento geográfico revela como a moda pode operar simultaneamente como meio de subsistência, preservação cultural e resistência simbólica. A peça emerge de uma realidade em que o artesanato desempenha um papel vital na manutenção de comunidades e na continuidade de práticas culturais ancestrais.

Ao centro, destaca-se uma ave bordada – possivelmente um grou – de asas abertas, rodeada por elementos vegetais estilizados, que evocam a leveza e a regeneração da natureza. O uso de materiais nobres e diáfanos<sup>20</sup>, e a composição simétrica conferem-lhe um estatuto de peça ornamental e contemplativa, transformando o objeto de proteção num artefato estético e simbólico de grande delicadeza. A criação inscreve-se numa lógica de *slow fashion* e traduz um compromisso ético com a valorização do trabalho artesanal, nomeadamente com os *kaarigars* – artesãos indianos que colaboram na produção da peça. A conotação da máscara remete à delicadeza, para a esperança e para a interdependência. A ave ao centro da composição funciona como metáfora da liberdade, da migração, da alma, e sobretudo, do renascimento. A simbologia do pássaro, rica e multirreferencial, é convocada como signo de transcendência num momento de crise global. A máscara, aqui, ultrapassa a função de barreira protetora e converte-se em manifesto visual de solidariedade, de cura e de cocriação. Segundo Barthes (2001), a moda opera como um sistema de mitos modernos – e neste caso, o mito é o da renovação espiritual através da estética e do trabalho colaborativo. A máscara bordada encena uma narrativa onde a beleza se torna um gesto político, e a estética, estratégia de resistência simbólica.

A apropriação da máscara cirúrgica pelo sistema de linguagem da moda — entendido aqui de maneira ampliada, incluindo dimensões antropológicas e artísticas, como o sistema de linguagem do vestir — constitui um fenómeno comunicacional que evidencia a sua capacidade para ressignificar objetos com base em lógicas simbólicas, estéticas e sociais. Longe de se limitar à sua função original de proteção viral, a máscara adquire novos significados através da incorporação de elementos como cores, estampas, materiais diferenciados e símbolos diversos. Essa transformação revela o papel ativo da moda enquanto linguagem visual, que opera por meio de signos capazes de veicular mensagens culturais, emocionais e identitárias – em um corpo real ou fictício.

Através desse processo, a moda reinterpreta a máscara, assim como a reinscreve no imaginário coletivo, dotando-a de valores que ultrapassam o funcional. Observa-se, neste contexto, a presença de figuras estilísticas que reforçam o seu potencial comunicativo. Assim, a máscara emerge como artefato discursivo no seio do sistema da moda, atuando como mediador de sentidos e espelho de dinâmicas socioculturais contemporâneas.

### Articulação entre bricolage e conotação

A análise das máscaras durante a conjuntura pandêmica revela uma confluência entre dois movimentos distintos e complementares da sua transformação: por um lado, o gesto material e improvisado da bricolage que reorganiza fisicamente os elementos; por

<sup>20</sup> Termo usado no contexto da moda e do *design* têxtil para referir tecidos transparentes, translúcidos ou muito leves, com um aspecto delicado, como o tule, as malhas, entre outras texturas.

outro, a produção simbólica e discursiva operada pela conotação. Esta seção propõe uma articulação entre essas dimensões, evidenciando como a transformação do objeto-máscara cirúrgica, pela moda contemporânea, envolve simultaneamente a manipulação da forma e dos materiais, e a reconfiguração do significado.

*Bricolage como operação material, conotação como expressão simbólica*

Já referido anteriormente (cf. 2.1.), o conceito de bricolage, tal como formulado Lévi-Strauss (2008), refere-se a um modo operativo baseado na improvisação, na recombinação e na reorganização de materiais existentes. Neste ponto, interessa aprofundar a articulação entre a bricolage enquanto operação material e a conotação enquanto expressão simbólica, observando como a manipulação de elementos técnicos pode gerar significados suplementares no campo da moda.

No caso do objeto-máscara cirúrgica, a bricolage manifesta-se tanto nas formas de sobrevivência simbólica cotidiana como nas estratégias da moda planejada e estruturada. A sua força está na manipulação física da matéria: é uma lógica de recomposição do mundo por meio da ação.

A conotação, por outro lado, é uma operação simbólica. Ela atua sobre os significados dos signos, reorganizando-os dentro de sistemas de segundo grau, de acordo com Barthes (2006). Não há produção de um novo objeto, mas produção de novo sentido. A máscara, nesse processo, transforma-se em linguagem que passa de barreira profilática a mensagem visual, cultural e ideológica. Essa transição é fundamental para compreender o processo de estetização do objeto-máscara cirúrgica, onde a dimensão funcional é suplantada pela função expressiva e discursiva.

Apesar de distintas, as duas operações – material e simbólica – revelam-se interdependentes no processo de ressignificação da máscara. A bricolage pode adquirir um valor simbólico, como quando artistas produzem máscaras a partir de lixo urbano, tecidos cerimoniais ou os excedentes industriais, projetando com isso um discurso crítico. Ainda que operem em planos distintos, a bricolage e a conotação podem entrelaçar-se: certos materiais utilizados na bricolage transportam já significados culturais, históricos ou políticos, conferindo-lhes uma carga conotativa desde o início do processo criativo. Esta dimensão torna-se particularmente visível quando os signos se encarnam, em texturas, cores, costuras e ornamentos – como as máscaras cerimoniais bordadas por artesãos locais, como nas coleções de Rahul Mishra, que articulam espiritualidade, trabalho manual e arte visual.

No plano prático, podemos observar casos híbridos em que a bricolage e a conotação se sobrepõem. Máscaras produzidas com resíduos industriais por *designers* como Marine Serre ou Collina Strada, por exemplo, apresentam uma base material de reaproveitamento (bricolage), enquanto os seus significados simbólicos – ligados à sustentabilidade, à exclusividade ou à utopia – nem sempre são explicitamente comunicados. Esses sentidos podem emergir de forma implícita, através da estética, do contexto de apresentação ou da percepção do público. A forma e o conteúdo do signo estão, nesses casos, intrinsecamente articulados.

Essa coexistência revela também um campo de tensão. A bricolage, enquanto prática intuitiva, privilegia a singularidade, o efêmero e o precário – é uma resposta imediata, muitas vezes não replicável, marcada por gestos únicos e materiais contingentes. Já a conotação,

especialmente quando mediada pelo sistema da moda, tende à replicabilidade e à estetização dos signos, transformando elementos simbólicos em referências estilísticas passíveis de difusão, apropriação e de comercialização. A bricolage resiste à norma; a conotação, muitas vezes, legitima-a. Como observa Lipovetsky (2010), a moda absorve discursos marginais e simbologias subversivas, convertendo-os em produtos. Assim, muitas máscaras que surgiram como gestos espontâneos de resistência ou a apropriação cultural acabaram por ser reconfiguradas no circuito do sistema da moda como fetiches de distinção.

Por fim, a bricolage opera sobre a presença – trabalha com a concretização do objeto, a sua materialidade. A conotação opera sobre a ausência – sobre o imaginário, a sugestão, a rede de associações invisíveis que moldam o olhar e o pensamento. Juntas, constroem um objeto bifacial: simultaneamente tátil e discursivo. O objeto-máscara cirúrgica, neste cruzamento, torna-se o emblema de uma cultura visual em crise – onde o material e o simbólico se entrelaçam numa disputa incessante pelo sentido.

### *O sistema da moda como agente arbitrário*

De acordo com Saussure (1986), a relação entre o significante e o significado é arbitrária – não existe uma ligação natural ou necessária entre a forma do signo e o seu conteúdo. Barthes (2006), ao aplicar essa ideia ao universo da moda, reforça que os sistemas simbólicos, como o vestuário, funcionam segundo códigos culturais construídos e convenionados, e não por necessidade intrínseca dos objetos.

Nesse sentido, o sistema de linguagem da moda pode ser compreendido como um agente arbitrário: uma instância que produz e atribui significados com base em escolhas culturais, estéticas e ideológicas, e não segundo relações fixas ou universais. Ao apropriar-se do objeto-máscara cirúrgica, a moda reorganiza os signos conforme a sua lógica interna – transformando um objeto técnico em acessório estético, signo de distinção ou símbolo ético, consoante os contextos discursivos.

A moda, enquanto agente arbitrário, não reflete passivamente os significados sociais, mas participa ativamente da sua construção. Ela seleciona, estetiza, distribui e consagra determinados signos, atribuindo-lhes valor simbólico segundo estratégias de estilo, de consumo, de narrativa da marca e de posicionamento cultural. Nesse processo, o vestuário e os acessórios tornam-se veículos de uma linguagem específica, em que a arbitrariedade é codificada e é convertida em aparência de necessidade simbólica.

Essa capacidade de atribuir valor simbólico ao arbitrário situa a moda no foco daquilo que Bourdieu (2007) denomina como campo de lutas simbólicas. Ao classificar certos objetos como “moda”, o sistema confere-lhes legitimidade cultural e estatuto de distinção. O objeto-máscara cirúrgica, ao ser estilizado, passa a integrar uma lógica de consagração estética que tenta esconder a sua origem funcional e a reinscreve numa economia do gosto. Trata-se, como refere Barthes (2014), de um processo de transformação de uma construção cultural em aparência da necessidade estética ou identitária. Assim, a moda, enquanto agente arbitrário, escolhe o que é digno de estilo, como também, produz o sentido do estilo em linguagem visual codificada e regulada. Ao redefinir o sentido da máscara, essa operação delimita também os modos pelos quais o sistema da moda legitima as formas de expressão, de visibilidade e de circulação simbólica.

*A máscara como objeto bifacial*

A coexistência entre bricolage e conotação torna o objeto-máscara um objeto bifacial: simultaneamente prático e simbólico, técnico e estético (significante e significado). Essa duplicidade funcional e semiótica permite-lhe circular entre domínios distintos – da saúde pública à *passerelle*, do cuidado cotidiano à arte conceitual.

O valor da máscara já não reside apenas na sua eficácia protetora, mas sim na sua capacidade de ativar sentidos plurais. O mesmo objeto pode ser lido como instrumento de proteção higiênica, como afirmação cultural, como crítica social ou mesmo como fetiche de consumo. A bricolage confere-lhe plasticidade material; a conotação, mutabilidade semântica.

Nesse cruzamento, o objeto-máscara configura-se também como um verdadeiro campo de disputa simbólica. Diversos agentes semióticos – cidadãos, *designers*, marcas, artistas – competem pela definição do seu significado, do seu estatuto e da sua visibilidade social. A máscara tornou-se um artefato estratégico, no qual diferentes valores identitários, éticos, estéticos, políticos, entre outros tantos, podem ser representados, deslocados e recombina-

Essa disputa evidencia o poder dos signos na construção da realidade cultural. A máscara, enquanto signo em trânsito, reflete os conflitos, as adaptações e as reinvenções que marcaram a conjuntura pandêmica, revelando, em simultâneo, a capacidade do sistema da moda de traduzir, legitimar e codificar essas transformações em linguagem visual e em narrativas discursivas.

Assim, a máscara circula como objeto funcional ou até decorativo e também se inscreve num processo contínuo de significação, no qual se cruzam forças sociais, sensibilidades coletivas e estratégias comunicacionais. O seu estatuto simbólico é, portanto, instável, fluido e condicionado pelas disputas culturais que o moldam.

**Considerações finais**

A análise do objeto-máscara cirúrgica a partir das categorias de bricolage e de conotação permitiu compreender a profundidade simbólica e cultural de um objeto aparentemente simples, cuja presença massiva durante a pandemia da COVID-19 desencadeou um processo intenso de resignificação. Este artigo procurou demonstrar como a máscara foi transformada – material e simbolicamente – no seio do sistema da moda, revelando tensões entre a necessidade, a estética, o mercado e a identidade.

No primeiro eixo analítico, observou-se que a bricolage, tanto na sua forma improvisada (em contextos informais) como refletida (em produções de *designers* e marcas), operou como um mecanismo criativo de adaptação. A reutilização de materiais, o reaproveitamento de excedentes têxteis e a inovação técnica demonstram como o objeto-máscara cirúrgica foi integrado na lógica produtiva da moda contemporânea, muitas vezes sob o signo da sustentabilidade, da distinção ou da resposta ética à crise higiênica.

No segundo eixo, relativo à conotação, analisou-se a forma como a máscara se tornou um signo complexo, cujos significados ultrapassaram largamente a sua função protetora. Através da linguagem da moda, a máscara passou a comunicar valores identitários,

discursos ideológicos e estéticas singulares. A sua incorporação em campanhas, desfiles e coleções foi acompanhada por uma transformação do seu estatuto: de objeto técnico a artefato de estilo.

A articulação entre bricolage e conotação revelou que estes dois processos são simultaneamente distintos e complementares. A bricolage atua sobre a matéria; a conotação, sobre o sentido. Juntas, conferem ao objeto-máscara um lugar na cultura visual contemporânea: não apenas como barreira física, mas como interface simbólico, que negocia valores como segurança, individualidade, consciência ecológica e pertença social.

A máscara cirúrgica emerge, assim, como objeto bifacial – simultaneamente funcional e simbólico, privado e público, urgente e estilizado. Este percurso evidencia o papel da moda como espaço privilegiado de transformação semiótica, onde os objetos cotidianos são despojados dos seus significados primários e reinscritos em narrativas visuais, ideológicas e económicas.

O presente estudo oferece um contributo para os campos da semiótica, dos estudos de moda, de cultura material e visual, ao destacar a capacidade de ressignificação de um objeto em contexto de crise. Propõe ainda uma abordagem crítica e interdisciplinar à produção simbólica, mostrando como fenómenos como a bricolage e a conotação operam de forma articulada na criação de novos sentidos.

## Referências

BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1997. ISBN 972-44-0328-9.

BARTHES, R. **S/Z**. Tradução de Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite. Lisboa: Edições 70, LDA., 1999. ISBN 972-44-1020-X.

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 11<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. 16<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. ISBN 85-316-0142-8.

BARTHES, R. **Sistema da moda**. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 2014.

BAUDRILLARD, J. **El sistema de los objetos**. Tradução de Francisco González Aramburu. 8.<sup>a</sup>. ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

CALEFATO, P. A vida das máscaras: moda, corpo, grotesco. **dObra[s] – revista da associação brasileira de estudos de pesquisas em moda**, n. 31, p. 103-117, 14 Abril 2021.

CLARO, V. Denotação e conotação a teoria da resignificação aplicada aos tropos de Linguagem. **17º Seminário nacional de história da ciência e da tecnologia**, 23 a 27 Novembro 2020.

DESIGNS, M. G. missgdesigns. **Instagram**, 2020. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_gFTSzlt6i/](https://www.instagram.com/p/B_gFTSzlt6i/). Acesso em: 10 Julho 2025.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros; Gesúina Domenica Ferretti, *et al.* 2ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

ECO, U. **O Signo**. Tradução de Maria de Fátima Marinho. 4ª. ed. Lisboa: Presença, 1990. ISBN 9722312979.

HJELMSLEV, L. **Prolegómenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. 8ª. ed. Brasil: Papirus Editora, 2008.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a Moda e o seu Destino nas Sociedade Modernas**. Tradução de Regina Louro. 2ª. ed. Alfragide: Dom Quixote, 2010. ISBN 978-972-20-4143-0.

LODDI, L.; MARTINS, R. **Bricolagens metodológicas e artísticas na cultura visual**. 18º Encontro da associação nacional de pesquisadores em artes plásticas. Salvador, Bahia: [s.n.]. 2009. p. 3416-3428.

MCGUIRE, R. SubwayCreatures. n.º 6. **Instagram**, 2021. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CLZclKFhXsC/?img\\_index=6&igsh=MTN4eGE2OG90YnU4eA%3D%3D](https://www.instagram.com/p/CLZclKFhXsC/?img_index=6&igsh=MTN4eGE2OG90YnU4eA%3D%3D). Acesso em: 10 Julho 2025.

MISHRA, R. rahulmishra\_7. Butterfly People. **Instagram**, 2020. Disponível em: [https://www.instagram.com/rahulmishra\\_7/p/CCWgn2yBMnv/](https://www.instagram.com/rahulmishra_7/p/CCWgn2yBMnv/). Acesso em: 10 Julho 2025.

MOORE, L. V. lance.v.moore. **Instagram**, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-P52pKheqs/>. Acesso em: 10 Julho 2025.

NEIRA, M. G.; LIPPI, B. G. Tecendo a colcha de retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação e realidade**, 37, n. 2, Maio/Agosto 2012. 607-625.

PEIRCE, C. S. **Écrits sur le signe**. Paris: Seuil, 1978.

PERNET, D. RVDK'S ARMY OF LOVE – a creative performance with hope for the future and to fight for a more conscious fashion world. **ASVOF a shaded view on fashion**, 5 Maio 2020. Disponível em: <https://ashadedviewonfashion.com/2020/05/05/rvdks-army-of-love-performance-to-celebrate-the-end-of-lock-down-in-holland/>. Acesso em:

RAMPAZO, A. V.; ICHIKAWA, E. Y. Bricolage: a busca pela compreensão de novas perspectivas em pesquisa social. **II Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade**, Curitiba, 15 a 17 Novembro 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

STRADA, C. **Garmentory**, 2020. Disponível em: <https://www.garmentory.com/sale/collina-strada/women-accessories/909804-fashion-face-mask-with-bows?epik=dj0yJnU9b0RTby1XMUpCNG41bVA3eWc3N2xINDhxc0x4d3RtX0YmcD0wJm49NU5DRU9iU1UxVHZPUBWJBc1EwOFhiUSZ0PUFBQUFBR2ZPT1Ij>. Acesso em: 10 Julho 2025.

TATEO, L. Face masks as layers of meaning in times of COVID-19. **SAGE journals culture & psychology**, v. 27, n. 1, p. 131-151, 1 Março 2021.

TATEO, L.; MARSICO, G. Framing a theory of ordinary and extraordinary in cultural psychology. In: MARSICO, G.; TATEO, L. **Ordinary things and their extraordinary meanings**. United States of America: Information Age Publishing Inc., 2019. p. xi-xxix.

## Agradecimentos

Agradecemos aos designers que gentilmente autorizaram a utilização das imagens das suas criações neste trabalho.

Revisora do texto: Magna Sousa Bessa, Professora de Português e Espanhol (Colégio São José de Bairros). E-mail: [bessamagui@gmail.com](mailto:bessamagui@gmail.com)